

«O homem moderno precisa duma informação completa, honesta e precisa. Só assim poderá ele desempenhar lugar activo na sua comunidade, participando na vida económica, política, social, cultural e religiosa».

(Comunhão e Progresso 34)

Preço avulso: 7\$50 N.º 813
ANO XXIX 15/1/1981
Tiragem média por número:
2 700 exemplares.

Composição e impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
«GRAFICA LOULETANA»
Telef. 62536 8100 LOULE

A Voz de Loulé!

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO DO MAIOR E MAIS IMPORTANTE CONCELHO DO ALGARVE



Que perspectivas em 1981?

por
F. CLARA NEVES

A força da tradição continua com muito impacto a sensibilizar o povo português! A atração pelas cerimónias do Natal, é o mundo fascinante das criançinhas, percutindo a vida num prodigioso Aleluia! Assim, o sortilégio da missa do Galo, e a consolação da Família no acolhimento do lar, são momentos inesquecíveis a suavizar as duras realidades actuais.

A passagem do ano, continua a ser acontecimento que faz perder a cabeça a muito boa gente, vivendo-se a efeméride em excitações algo exageradas. Aliás, nunca houve um nível de vida igual ao presente, que parece um paradoxo monumental, por sabermos que o País vive das esmolas da CEE e da generosidade de nações que tentam a todo o transe evitar que caiam para o outro lado da barreira! Neste período de abundância (deixem lá as carpideiras berrar) jorra dinheiro de

nascentes caudalosas, contrabando, droga, assaltos, ensaios de terrorismo, ilegalidade, crime, etc.. E quem paga este fausto aparente, caldeado de uma liberdade sem disciplina, é sempre o cidadão que trabalha! E são tão poucos, que é preciso não chateá-los!

Os deuses da fortuna têm tudo por sua conta! O dinheiro verga orgulhos e consciências, (continua na pág. 9)

Um ano mais na vida de um jornal

Possui este jornal vinte e oito anos de vida! Um ano mais para os prefazer passou a 1 de Dezembro do ano findo!

Ora possuir um jornal como «A Voz de Loulé», vinte e oito anos, não é muito vulgar. Muitos ficam pelo caminho com muito menos idade, pelo que é lógico saudá-lo e desejar-lhe uma continuidade que o projete para além de muitos outros vinte e oito anos, o que não julgamos impossível, mas sim difícil.

Isto porque a vida de um jornal e neste caso os vinte e oito (continua na pág. 9)

EM MONTECHORO (ALBUFEIRA)

I Festival Internacional da Canção do Algarve

do mar e da intimidade das velas.

O I Festival Internacional da Canção do Algarve vai ser o maior acontecimento artístico na história do Algarve.

A semelhança dos festivais de San Remo, na Itália, e de Split, na Polónia, este Festival do Algarve poderá interessar a própria Eurovisão, para uma transmissão directa.

A organização tem fortes intenções em promover o Algarve, a vida e o significado profundo do seu ritmo e do seu poema.

Odette de Saint-Maurice, escritora, Vitoriano Rosa, Vitor Direito, Nogueira de Sousa, director do Hotel Montechoro, Joaquim António Nunes, da Casa do Algarve, representantes da imprensa, da RDP-1, da Orquestra Ligeira, da TAP, da Polygram e da Alvorada, da CRTA, além da RTP e de ou-

I CONGRESSO DE TURISMO DO ALGARVE

As realidades do Algarve actual

Hotel Montechoro, 15/18 de Janeiro. O I Congresso do Algarve e a II Feira de Turismo.

Diversos problemas e carencias de várias ordens condicionam um melhor aproveitamento das condições de exploração da indústria turística do Algarve.

Turismo organizado não tem ainda grande significado; turismo harmônico é ainda o desequilíbrio existente; turismo eficiente são ainda maus serviços e falta de gente especializada.

Problemas a debater, análise objectiva das realidades do Al-

OS GOVERNOS (QUAISQUER) E O TEMPO brincam com os agricultores

Tudo está cada vez pior na agricultura portuguesa. Os organismos de intervenção, o IFADAP, a Caixa Geral de Depósitos — Sector do Crédito Agrícola, os Serviços Regionais, actuam mal e a más horas, gastam um dinheirão em propaganda, empregam centenas de pessoas que não percebem nada de agricultura nem tão pouco de relações humanas, servem muito mais os intermediários do que os agricultores.

Não existem medidas compensadoras para com os agricultores e até o tempo tem vindo a boicotar o trabalho agrícola. Cada vez mais pobres, os agricultores não podem suportar o aumento dos combustíveis, o aumento dos adubos e o agravamento dos custos de produção, o aumento do custo de vida, a degradação do preço da fruta, a degradação do preço dos suínos, envolvidos com a peste africana, o desordenamento agrícola regional, etc., etc.. Promessas são feitas diariamente, mas as condições de vida do agricultor vão piorando aceleradamente.

A CAP (Confederação de Agricultores de Portugal) é uma organização submissa, não se importando com o ano de má colheita, nem com os aumentos, nem com o agravamento sistemático do nível de vida dos agricultores em cerca de 11 a 13%.

Os golpes de baixa política interessam muito mais aos oportunistas que estão em oposição aos interesses da produção agrícola.

Os agricultores não deverão encobrir a miséria em que vivem. Quaisquer que sejam os Governos, a classe laboriosa é sempre a menos protegida.

Porque não exigir a valoriza-

(continua na pág. 3)

(continua na pág. 2)

Albufeira e Quarteira já têm novas Centrais Telefónicas

Quando chegará a hora de Loulé?

Ter telefone em casa é estar em contacto com o Mundo. Esta é uma verdade indiscutível e sobejamente comprovada. Daí a razão por que esse instrumento é tão preferido por tantos milhares de pessoas que já o usufruem, e também por muitos outros milhares que não desfrutam ainda desse benefício da moderna técnica mas que gostariam de o ter em casa.

Não é um aparelho de luxo. É sim, um objecto de enorme utilidade mas que, infelizmente nem todos os portugueses podem pagar. No entanto, muitos

milhares que podem pagar também não têm (ainda) telefone porque nem os Governos que nos têm governado, nem a administração dos CTT têm estado à altura de encontrar eficaz solução para tão grave problema... que há tantos e tantos anos está por resolver com a eficiência que o caso requer, pois trata-se de um serviço de enorme utilidade pública e de que a vida moderna já não pode prescindir.

Vem tudo isto a propósito da recente inauguração da nova

(continua na pág. 2)

JUVENTUDE CAMPINENSE

volta a desiludir em casa

(VER PÁGINA 5)



vel consolação da flor do amendoal.

O perfume da mimosa flor (continua na pág. 2)

Magestosas, com orgulho e vivacidade, as amendoeiras voltam a florir...

O verdadeiro filósofo, até na ingenuidade, contempla a sua brancura, com o uma mocidade rósea, um certo misticismo de uma beleza inefável.

A amendoeira é uma árvore que nos toma de paixão pela natureza. A sua flor é poética, superior, e, quando orvalhada pela manhã a sua gota parece uma lágrima.

O reflorescimento das amendoeiras deslumbra os sábios. O Algarve é ainda um postal branco, quando a flor da amendoeira sorri a toda a gente com esperança. Podem os homens, na sua loucura quotidiana, modificar o semblante das casas mouriscas, caiadas com humildade, não modificam a admirá-

Albufeira e Quarteira já têm novas centrais telefónicas

Quando chegará a hora de Loulé?

(continuação da pág. 1)
Central Telefónica de Quarteira que ficou dotada com uma capacidade de 3 600 linhas e substitui a antiga central que apenas dispunha de 800.

Esperamos que tenha acabado o «martírio» de se fazer uma chamada telefónica e que a nova estação tenha sido realmente feita não apenas pensando em termos do presente, mas principalmente em termos de futuro, pois já é tempo de, neste País, se fazer alguma coisa com obras viradas para além do dia de hoje.

Ainda recentemente foi inaugurada em Albufeira uma nova Central Telefónica com capacidade para 3 800 linhas e com possibilidade de ampliação até 10 000 o que já nos dá uma ideia de visão dos homens que presentemente estão à frente de tão importante sector da vida do País.

Esperamos que Quarteira esteja igualmente preparada para novas ampliações, visto que o desenvolvimento de Vilamoura (actualmente em extuante expansão) faz prever novas e mais crescentes necessidades telefónicas.

A construção das centrais telefónicas de Albufeira e Quarteira impulsionam-se como obras inadiáveis, pois era realmente afronta a falta de linhas a ambas as localidades. Só temos, pois, que nos regozijarmos por tanto importantes melhoramentos.

Desta forma ficará agora alargada a possibilidade de cada vez mais portugueses poderem usufruir dessa grande conquista da ciência que é o telefone, muito embora tenhamos que pagá-la cada vez mais cara.

A nova Central está a funcionar e falta agora efectuar as ligações para dar satisfação aos crescentes pedidos. Será desejável que esses trabalhos se efectuem com a rapidez necessária face à sua incontestável utilidade pública.

E dizemos isto porque sabemos de casos em que as obras andam tão lentamente que até se pode dizer que 10 homens fazem hoje menos serviço do que 5 executavam há alguns anos atrás... apesar de hoje dispor de melhor material e mais moderno material.

Por isso nos atrevemos a sugerir ao sr. engº Joaquim Brites, Director das Telecomunicações do Sul, que abandone, de vez em quando, o seu gabinete e as burocracias a ele permanentemente ligadas, e se dispõ-

nha a dar uma vista de olhos pelos campos e ruas onde decorrem os trabalhos ligados ao seu sector de actividade. Isso seria extremamente útil, embora não agradasse a alguns...

Dizem-nos que estão a ser montados agora alguns telefones pedidos há 9 anos e que esta demora se deve a carências de material e de mão de obra, o que parece não ser muito lógico num país com tão largos milhares de desempregados.

Mas talvez isso seja uma desculpa para justificar a lentidão de certos trabalhos e a falta de visão de outros que foram feitos por se pensar apenas nas necessidades do dia seguinte.

Agora, que Albufeira e Quarteira estão bem servidas de telefones, parece-nos chegada a altura de chamarmos a atenção dos responsáveis de Faro por este importante sector que deve chegar a HORA DE ATENDER LOULÉ, pois é do seu conhecimento que, desde há alguns anos, se encontram interrompidos os trabalhos de ampliação da rede de Loulé, registando-se uma enorme carência de linhas em todas as zonas dum Vila cujo crescente desenvolvimento não se compadece com a estranha morosidade e os inexplicáveis atrasos dum serviço público tão importante como é o telefone.

Fizeram-se uns remendos, mas a linha está tão sobrecarregada que, em algumas zonas, não há qualquer possibilidade de atender novos pedidos.

Na Campina de Cima e Expansão Sul, por exemplo, há cerca de 200 pedidos de telefones e alguns destes já foram requeridos há mais de 9 anos!

Quando, há cerca de um ano, o novo responsável pelo sector dos telefones tomou posse das suas funções como Director das Telecomunicações do Sul, nós confiamos em que Loulé não seria esquecida pois, em boa verdade, deveria ser considerado o seu indiscutível valor comercial e industrial e agrícola.

Hoje, sabemos que é válido o trabalho já realizado pelo sr. Engº Joaquim Brites, nas áreas sob sua responsabilidade, mas a verdade é que Loulé continua esquecida à espera de luz verde de quem tenha autoridade para decidir atender os justos anseios dos que precisam dum telefone em casa para procurar resolver os seus problemas comerciais ou particulares.

Estes atrasos, estas interrupções de trabalho, a lentidão com que temos caminhado no senti-

do do progresso não é afinal muito de estranhar num País que quase tem estado parado em alguns sectores nos últimos anos, à espera da acção dinâmica de homens decididos e corajosos que dêem o pontapé de saída para que deixemos de ser os irmãos pobrezinhos dum Europa próspera e à qual estamos ligados por tantos veículos espirituais e de território.

Apostamos nos homens que hoje estão à frente do sector das telecomunicações em Faro e que, felizmente, têm autonomia bastante para procurar encontrar as mais rápidas soluções para o grave problema dos telefones em Loulé. Confiamos na sua boa vontade, na sua tenacidade e operacionalidade.

Loulé bem merece ser olhada com mais atenção.

O Algarve está a vestir-se de branco!

(continuação da pág. 1)
gar actual, sem turismo de inverno, com uma promoção deficiente e falta de infraestruturas básicas.

Muitos são os pontos em debate. Chegou a hora de traçar as grandes linhas de acção para o desenvolvimento turístico equilibrado. Desde a melhoria dos serviços da região, até à formação profissional, passando directamente por opções de fundo e reformas administrativas.

O Algarve deve ser dos algarvios e não da alta finança internacional. As incompetências devem ser desmascaradas. Não queremos uma província colonizada, chorosa, com desequilíbrios sociais acentuados.

O I Congresso de Turismo do Algarve e a II Feira de Turismo são encontros de interesse entre gente responsável, apostados num plano desenvolvimentista da região algarvia.

Não queremos uma fisionomia estranha e o algarvio na sala de espera como um saloio.

I Congresso de Turismo do Algarve

(continuação da pág. 1)
não é uma resposta à toa. E o namorado oferece uma mão branca ao sorriso límpido da companheira.

O turista que por aqui anda, sente um palpitar espiritual com o ressurgimento da amadurecida.

Todos os anos, o Algarve é um tempo romântico, um lugar que se enche de versos, e a flor da ameixeira desponta livre como se surgisse da espuma do mar.

É um convite necessário às Mouras Encantadas...

AGÊNCIA VÍTOR
FUNERAIS
E TRASLADAS
Serviço Internacional
Telefones 62404-63282
LOULÉ — ALGARVE

OS GOVERNOS (QUAISQUER) E O TEMPO brincam com os agricultores

(continuação da pág. 1)
ção do duro e laborioso trabalho agrícola?

Por que não colocar as máquinas agrícolas no meio da estrada, ordeiramente, e exigir um mínimo de dignidade na vida do agricultor?

Com pequenas e médias produções, sem uma política de preços que salvaguarde o trabalho do produtor, nada se resolvendo com a entrada de Portugal na CEE.

Por outro lado, ainda nada se fez na contenção da degradação dos solos, no ordenamento agrícola regional, nas barragens, no campo da formação profissional e mecanização agrícola, no incentivo às grandes produções através de estudos técnicos apropriados, etc., etc.

As famílias de mais fracos recursos, sem poder de compra, vão enfrentar a fome com muitas dificuldades.

Os géneros alimentares vão escassear.

Num País sem indústria, onde não se aproveitam devidamente os recursos, com uma agricultura primitiva, com muitos produtos sem hipóteses de escoamento, com uma política de preços inferiores para os criadores de gado, a entrada na CEE poderá trazer consequências dramáticas para o pequeno e médio agricultor, pois o seu espírito associativo não é ainda favorável.

Não é de um ano para o outro que se reformam mentalidades num País onde escasseiam os apoios à agricultura.

O agricultor continua gostando do seu trabalho sem ver o lucro das suas colheitas. Por exemplo, a batata apodrece, quase sempre, num monte, porque o preço não é um estímulo para quem produz. E o empobrecimento dos produtores de azeite, para não falar já da vida misera de quem apanha a azeitona?

Os agricultores são os mais esquecidos e os mais explorados da sociedade portuguesa.

Mas a CAP não trava nenhuma luta e a esperança vai-se. Temos a agricultura da Europa com menores produções por hectare. Que produtos vamos colocar no mercado da concorrência?

A verdade é que a par de uma subida de preços não há uma melhoria das condições de produção.

Não existe por parte dos Governos (quaquer), uma programação para o êxito. Não se acelera o ritmo de fomento das culturas que se podem desenvolver. Não existem planos para ensaios de fertilização dos solos. Há um desajustamento entre determinadas culturas e as diferentes variedades de condições ambientais.

O desânimo do agricultor vai-se instalando. Com uma agricultura rudimentar, com uma pequena e média indústria, qual o nosso papel na CEE?

Uma das condições prioritárias para o desenvolvimento agrícola é exigirmos, para já, o auxílio financeiro da CEE para a construção de barragens e para a reflorestação da serra.

Se o caminho da Europa é uma necessidade, é bom lembrar que o agricultor não vive do ar e que o País precisa de aumentar a produção.

Os gastos exagerados com a Administração Pública deveriam reverter a favor de uma Agricultura, cada vez mais desprotegida.

Por que não a greve dos agricultores, se o tempo a faz também?

L. P.

VENDE-SE HORTA

Bem situada, perto de Boa-riqueime e Vilamoura.

Contactar pelo Telef. 65804 — QUARTEIRA.

(8-8)

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS — FAZENDAS — COURELAS

(C/ OU S/ CASA)

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS

E LOCALIZAÇÕES

COMPRA E VENDA: — JOSÉ VIEGAS BOTA

R. SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ

RELOJOARIA FARRAJOTA

JOSÉ MANUEL DIAS FARRAJOTA

ARTIGOS DE PRATA

Agente Oficial dos Relógios

CERTINA — MAYO-SUPER E RUBI

Especializado em consertos de relógios mecânicos e electrónicos

CENTRO COMERCIAL DE QUARTEIRA

Loja n.º 4 — (Rua Vasco da Gama)

Aos empreiteiros de construção civil

DÃO-SE DE EMPREITADA OBRAS DE CONSTRUÇÃO CIVIL, DE BLOCOS DE APARTAMENTOS EM LOULÉ

CONTACTE PELO TELEFONE 62515 — LOULÉ

(7-5)

O problema da extracção de areias

A extracção de areias em determinadas zonas foi de tal ordem que o mar avançou, ameaçando agora as habitações construídas nas proximidades.

Muitos protestos têm chegado à Secretaria de Estado e Ambiente, pelo que houve a necessidade de legislar por diversas razões de gravidade.

Um novo Decreto-Lei proíbe

a extracção de areias das praias e dunas litorais até à distância de 1 quilómetro a contar da faixa costeira.

Por cada metro quadrado da zona de areia afectada o infractor pagará uma multa de 300\$00, além de lhe ser apreendido todo o material e maquinaria utilizados; os reincidentes poderão pagar até 600\$00. Só quando razões de ordem técnica o justificarem, sobretudo quando há acumulações de

areias em zonas portuárias e vias navegáveis, é que a extração de areias não será proibida.

As praias do Guincho e de Vila Conde têm sido afectadas pela quantidade de areia que estava a ser retirada. As medidas agora tomadas salvaguardaram a boa harmonia nestas zonas. Por outro lado, também muitos problemas têm sido causados em zonas agrícolas, pois os ventos e a salinidade são prejudiciais à lavoura.

A FESTA DE NATAL

NO HOTEL D. FILIPA

para os seus 170

empregados e familiares

Um Natal alegre e divertido. Oferta de brinquedos às crianças. Banquete animado. Uma festa cheia de carinho onde trabalhadores de várias profissões se juntaram numa manifestação de extrema simpatia e camaradagem.

As crianças sorriam com orgulho e o Hotel D. Filipa foi palco de um Natal humilde, onde a esperança se intensificou ao lado do convívio e da animação.

Não faltaram a música nem os brindes de boa-fé.

I Festival Internacional da Canção do Algarve

(continuação da pág. 1)
«A Voz de Loulé» foi o primeiro jornal a dar todo o seu apoio a tão dignificante iniciativa, pelo que dará cobertura a todos os acontecimentos à volta deste Festival.

Participarão no Festival, artistas nacionais e estrangeiros de grande nomeada.

Uma festa de vida que se impõe e que vai certamente alcançar os êxitos desejados.

Trata-se pois, de um acontecimento dos mais importantes, para a promoção turística, cultural e recreativa da região, além de proporcionar alegria, entusiasmo, convívio e animação.

Estão em estudo o Regulamento, os Cartazes de Propaganda e outras formas de promoção e publicidade, para a concretização plena do esquema preconizado.

É necessário arrancar em pleno para que a iniciativa seja uma obra bastante rica, em popularidade e em harmonia.

O I Festival Internacional da Canção do Algarve vai dar mais luz aos algarvios.

Forneceremos mais informações nos próximos números do nosso jornal.

Motorista Profissional

OFERECE-SE

Com muita prática, carros leves e pesados, para trabalhar zona do Algarve.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

VENDE-SE

Uma morada no sítio da Gonçinha, acabada de construir, com água e luz.

Tratar pelo Telef. 62461 ou 62051 — LOULÉ.

NOTÍCIAS DO TURISMO

ACORDO TURÍSTICO POLÓNIA - PORTUGAL

Deverá iniciar-se em Abril de 1981, uma linha aérea Varsóvia-Lisboa, pela Companhia Polaca LOT, no âmbito de acordos firmados entre os dois países.

Com o intuito de incentivar o intercâmbio turístico entre Portugal e Polónia, vão decorrer «workshops», em Faro, Porto, Lisboa e Funchal, para um

estudo e análise das perspectivas de mercado que a Polónia nos poderá oferecer.

Os Polacos admiram a longa tradição de hospitalidade e da organização receptiva dos Portugueses. Assim os agentes de viagens procurem familiarizar-se com a oferta deste novo produto.



agora em S. BRÁS DE ALPORTEL

Av. da Liberdade
8150-S. Brás de Alportel



AO SERVIÇO
DA ECONOMIA REGIONAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Factor de Progresso

PARA - HOTELARIA ALGARVIA

O que és, para onde vais?

Muito se sabe deste Algarve! Toda a gente enriquece a sua estrutura turística só pelo simples contacto com esta bendita terra. E formam-se doutores, directores e técnicos dos mais diversos ramos da indústria.

É simples. Constrói-se, faz-se uma publicidadezinha, arranja-se um indivíduo jeitoso, que sabe umas coisas de «estrangeiro» e pronto temos apartamentos, blocos vendidos (com garantia de rendimento), directores, técnicos eruditos de turismo e hotelaria formados por gestação rápida ao calor do solo algarvio.

E assim aparece a chamada para-hotelaria algarvia (apartamentos turísticos e aldeias turísticas) filha do nada e como nada, nada paga, nada serve, mas muito arrecada. Não existem contribuições industriais, impostos (complementar, de turismo, de transacção, etc.), e até as célebres fichas de 10\$00 que o turista estrangeiro tem de assinar, e com que a secção da P. S. P. dos estrangeiros tanto se preocupa nas unidades devidamente legalizadas, (10 mil escudos de multa se por acaso por esquecimento do recepcionista, um cliente não tiver ficha devidamente preenchida e entregue no posto da guarda-fiscal mais próximo nas 48 horas seguintes à entrada); passam para o esquecimento de todo este grupo de «profissionais».

Mas a mim, não é isto o que mais me preocupa. Pergunte-se aos Centros de Turismo de Portugal, à C. R. T. A., D. G. T., aos próprios operadores turísticos, às dezenas ou mesmo centenas de cartas de reclamações do péssimo serviço que é dado, usando da publicidade e do trabalho exaustivo dos verdadeiros profissionais e suas associações.

Clientes que chegam e não sabem a quem se dirigir...; um senhor Fulano disse que deixava a chave no tal sítio, que tinha limpeza, piscina, recepção, eu sei lá! Há de tudo para se vender; (em termos de turismo) apartamentos ou vilas, o que interessa é «safar» os 250

contos que têm que se dar no fim da época ao dono dos mesmos. Chegamos ao cúmulo de ver verdadeiras unidades de para-hotelaria minadas aqui e acolá pelo parasitismo eruditos sem que nada seja possível fazer (será?).

Lutam os sindicatos por tabelas salariais mais elevadas; os técnicos do Ministério de Trabalho inspecionam as unidades legalizadas, verificando se existe ou não cumprimento dos acordos de trabalho, (o que acho correcto) lutam as associações patronais para conseguir manter o equilíbrio nas empresas, mas não há nada a fazer!

Os célebres, os que sabem mais, conseguem ser muito melhores, em tudo: nos ordenados (6 000\$00 mês limpos já é bom; e não há subsídios de alimentação, nem férias, nem 13.º mês), nas taxas e impostos que não pagam, nos preços que praticam (bem chorudos... 3 000\$00 dia, que tal!) e conseguem mesmo sem calcular pontos mortos ou quaisquer tipo de ratios (percentagens de gestão) uma rentabilidade de que poucas unidades se orgulham de ter no fim da época turística.

Não sou cronista, mas hoteleiro, e os desabafos que tenho tido verbalmente com alguns responsáveis, incluindo jornais e revistas que se dizem de turismo e para o bem do turismo, foram esquecidos ou não quizeram levantar o problema que hoje aqui exponho. Não venho dizer que se tenha compaixão pelas unidades que têm parasitas nas suas próprias estruturas e que nada podem fazer, mas exijo, com o direito de cidadão português, e Algarvico, que se olhe para a imagem degradada que se vai formando em volta do turismo do Algarve, a par da chacina ecológica que se assiste nestas terras, da poluição monstroso das mamarrachos de betão, que a curto prazo, destruirão por completo a nossa quase única fonte rápida de divisas.

Pergunto: Não será já tempo de acabar com este estado de coisas e a nível de turismo, para-hotelaria e hotelaria propriamente dita, fazermos, senão melhor, pelo menos o que já se faz em toda a Europa, que é a não autorização de aprendizes de feiticeiro, e pôr em funcionamento a devida legalidade jurídica e Profissional!

Como exemplo faço lembrar a Suíça em que ninguém pode abrir estabelecimentos hoteleiros, para-hoteleiros ou de turismo, sem a necessária «patente» ou seja sem o certificado de capacidade ou diploma passados por escolas hoteleiras, pela própria Associação de Hotelaria (leia-se Associação Suíça Hoteleira SSH) que organiza cursos nos mais vastos domínios e que significa assim a profissão e o turismo Nacional.

Aqui, toda a gente abre e sabe tudo; também não é necessário diploma para enganar os outros e ao próprio Estado.

HENRIQUE RODRIGUES

DESPORTO

Juventude Campinense voltou a desiludir em «casa»

Parece vir a confirmar-se, de jornada para jornada, que o popular clube de Loulé faz melhores resultados fora que em «casa». Efectivamente depois de ganhar em Sesimbra, um dos candidatos à subida de divisão; depois de ter empatado em Alvor com o clube local, voltou a ceder um ponto exactamente ao lanterna vermelha, para além de ser também uma das poucas equipas que perdeu em Cabeça Gorda.

Se não é verdade que a «população» de Loulé lhe não é adversa, não se pode igualmente considerar que a mesma o apoia com o calor e entusiasmo que qualquer equipa merece da população da sua localidade.

Percorrendo, como temos percorrido, várias localidades e vários campos de futebol onde a 3.ª Divisão está presente, Loulé é uma das localidades, senão a única que menos carinho e apoio empresta ao seu clube. É evidente que dentre a população da vila muitos há que têm dado o seu apoio, e é com esses que precariamente o clube vai vivendo, honra-lhes seja feita. Na verdade muito mais se poderia fazer se compararmos a grandeza da nossa Vila e a boa vontade, que é muita, dos seus habitantes. No entanto, a verdade é outra e a «paga» é imprecisa, quer pelo valor que o clube já representa a nível nacional, quer pelo sacrifício dos seus atletas, quer ainda pelos dirigentes que por lá têm passado, quer também pelos troféus titulares conseguidos e trazidos para Loulé.

Dizíamos nós que o abandono e a falta de apoio que se verifica em cada jornada efectuada em «casas» manifesta-se pela tristeza de espetáculo, pela fal-

ta de incitamento, e, isso reflecte-se na forma de actuar dos atletas.

O Juventude Campinense está a conseguir resultados muito mais eficazes fora que em «casa». Estamos plenamente convencidos que, embora este não seja o factor principal, é de certeza um factor de grande peso nos resultados consentidos em Loulé.

Mas, para nós, só por si esta não é a razão principal e única dos resultados irregulares que o clube tem feito neste Campeonato. A «chicotada» que se verificou no Juventude Campinense, pareceu inicialmente dar resultados positivos pois quem assistiu ao jogo com o Esperança de Lagos saiu, ao fim dos 90 minutos, do Estádio Municipal, satisfeito com a exibição da equipa, apesar da derrota por 1 golho a zero. Assistiu-se a uma primeira parte jogada com muita cabeça. Pareceu-nos deveras evoluída tecnicamente esta nova equipa. A equipa defendia firmemente, não se amedronando com um adversário totalmente moralizado, com um adversário abalancado para o título. Saía, depois, para o contra-ataque, com um futebol muito bem apoiado, jogando pelos extremos. A bola era endossada junto ao terreno, ao contrário do que aconteceu em jogos anteriores e também ao contrário do que está agora a acontecer novamente.

Assiste-se a um reter de bola desnecessário, levando o esférico até próximo dos pés do adversário e não se desfazendo da bola no momento oportuno. É evidente que esses erros criam não raras vezes jogadas de muito perigo, quando não de golho, para as redes à guarda de Aleluia. João Eduardo, China e também Augusto parecem os mais reincidentes neste tipo de futebol.

Assiste-se a um reter de bola desnecessário, levando o esférico até próximo dos pés do adversário e não se desfazendo da bola no momento oportuno. É evidente que esses erros criam não raras vezes jogadas de muito perigo, quando não de golho, para as redes à guarda de Aleluia. João Eduardo, China e também Augusto parecem os mais reincidentes neste tipo de futebol.

Por outro lado nota-se a falta de Henriques a meio campo, muito versátil e oportunamente a entregar a bola. Parece-nos igualmente que continua a ser muito mal aproveitado o extremo Nelson e também a não alinhar no início dos jogos o que certamente lhe daria mais confiança e renderia muito mais para a equipa.

Um dos outros males de que a equipa enferma, quanto a nós, é o facto de nesta altura do campeonato, ainda não se ter encontrado o «onze» principal e o que é mais grave ainda o de se fazer alinhar jogadores fora dos lugares onde mais rendem, pelo que o rendimento da equi-

pa também é menor como deve depreender-se.

Esta equipa do Juventude Campinense tem valores, todos nós sabemos, para conseguir melhores resultados. Então o que se passa de facto com esta equipa? Os próximos resultados poderão dizer-nos alguma coisa de novo. É evidente que o apoio de toda a população de Loulé é absolutamente indispensável.

TACA DE PORTUGAL

JUVENTUDE CAMPINENSE, 0 «OS LIMIANOS», 2

Numa tarde sem vento e onde o Sol foi o melhor companheiro disputou-se no Estádio Municipal da Campina, em Loulé, no passado dia 4, mais uma eliminatória da Taça de Portugal. O clube local recebeu a visita do clube «Os Limianos», militante igualmente na 3.ª Divisão Nacional.

Assistiu-se a uma partida de futebol de fraco nível técnico, onde a equipa local primou na repetição dos erros que, já de algumas jornadas a esta parte, temos vindo a assistir. É evidente que, em futebol os erros pagam-se caros.

Insistindo numa prática futebolística que em apontamento anterior já criticámos, «agarrando» muito a bola até à sua perda para os pés do adversário, o Campinense cedo denunciou a sua zona fraca. O adversário soube explorar muito bem essa fraqueza e exactamente conseguiu os seus dois golos mercê de duas ofertas de João Eduardo. Será que a 3.ª Divisão e mais exactamente no Juventude Campinense ainda não se aprendeu que este tipo de futebol já não se pratica? Será que, depois de tantas jogadas perdidas por falta de «bola dominada, bola passada» ainda não entrou na «cuca» dessa gente que quanto mais rápido se fizer os passes e quanto mais se fizer correr o esférico, menos esforço se dispense e maiores probabilidades de se surpreender o adversário existem? Na verdade tudo isto se nos depara à vista nos encontros que temos assistido. Na verdade, tudo isto e mais o afunilamento das jogadas. Na verdade, tudo isto e mais um ponta de lança que vale (0) zero, pelo menos ainda não conseguiu mostrar o contrário. Na verdade, tudo isto se não fora o BALEIA insistir, em cada jogada e em cada jogo, em fazer jogar o esférico junto ao terreno e o «maduro» Hélder a salvar «in extremis» de parceria com Aleluia, o caldo estaria deveras entornado.

Esperemos que os erros cometidos neste jogo de taça sem taça, onde os pontos em disputa não tinham qualquer influência na classificação, alguma lição possa ser aproveitada.

Neste jogo sem aspirações, suplentes foram utilizados, mal. Sebastião que pela primeira vez entrou a jogar, entrou para um lugar de muito difícil marcação que é a defesa lateral. Demonstrou pouco ritmo, o que é absolutamente normal. Treinar não é o mesmo que jogar. Sebastião que sempre foi um meio campista de ataque, viu-se e desejou-se para correr o mesmo que o extremo adversário, sem contudo o conseguir. Salvou a sua actuação o ter «desfaqueado» um dianteiro adversário quando este se preparava para disparar certeiro à baliza de Aleluia. Enfim, um jogo sem grande história, se não fosse a história dos erros, ou os erros da história. Aqui ficam registados para não esquecer.

Em PORTIMÃO na Farmácia Carvalho, às 9 h. Em LOULÉ na Farmácia Pinto, às 11 h. Em OLHÃO na Farmácia Rocha, às 15 h. Em FARO na Farmácia Almeida, das 17 h. até às 19 h. Escritórios e Laboratórios de experiência em LISBOA — Rua da Escola Politécnica — Entrada pela Calçada Engº Miguel Pais, 56-1.º — Telef. 605872-662372.

ZECA LOURO

Agenda-81 da CRTA

«A Voz de Loulé» agradece a Agenda-81 que lhe foi oferecida pela Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Uma Agenda completa e cheia de imagens maravilhosas deste Algarve turístico e eternecedor. A CRTA está atenta à promoção da Província do sol e mar.

Oxalá o Ano 81 seja um ano de êxito turístico, com uma promoção bem talhada que mostre o verdadeiro coração da nossa terra e das nossas gentes.

O Turismo precisa ser olhado com olhos vivos e carácter humano.

SIEMENS SURDOS

UM SÍMBOLO DE QUALIDADE DE FAMA MUNDIAL

MOURATO REIS

Especializado em Acústica Médica na Alemanha

ATENÇÃO ALGARVE

Consulte no dia 21 de Janeiro nas seguintes cidades, o Especialista da nossa Casa, para fazer a aplicação de prótese auditiva em todos os casos de surdez, mesmo muito grave e considerados surdo mudos.

Em PORTIMÃO na Farmácia Carvalho, às 9 h.

Em LOULÉ na Farmácia Pinto, às 11 h.

Em OLHÃO na Farmácia Rocha, às 15 h.

Em FARO na Farmácia Almeida, das 17 h. até às 19 h.

Escritórios e Laboratórios de experiência em LISBOA — Rua da Escola Politécnica — Entrada pela Calçada Engº Miguel Pais, 56-1.º — Telef. 605872-662372.



Ouvido Secreto

Associação de Ciclismo de Faro

Tomaram posse os novos corpos gerentes da A. C. F.. Apostados no desenvolvimento da modalidade e na renovação do desporto algarvio, são os seguintes:

ASSEMBLEIA GERAL — Presidente, Dr. Manuel Gonçalves; Vice-Presidente, Jaime Pinguiinha; 1.º Secretário, Vasco Anacleto e 2.º Secretário, Manuel Mestre.

DIREÇÃO — Presidente, Dr. José Mendes Bota; Vice-Presidente, Alfredo Guerreiro; Secretário-Geral, José Manuel Viegas

Ramos; Secretário - Adjunto, Adelino Vicente; Tesoureiro, Osvaldo Floro; Tesoureiro-Adjunto, Pedro Oliveira; Vogais: Dr. Artur Gonçalves, João Murta, Artur Condinho e José Alberto Guerreiro.

CONSELHO TÉCNICO — Presidente, Joaquim Perna Coelho; Secretário, Paulino Moreira; Relator, Manuel Filipe Costa.

CONSELHO FISCAL — Presidente, António da Avó; Secretário, Inácio Nunes; Vogal, Luís Matos; Relator, Rui Filipe Costa.

NOTÍCIAS PESSOAIS

NASCIMENTO

A recém-nascida foi dado o nome de Joana Valentina.

Aos felizes pais e avós enviamos os nossos parabéns, com votos de longa e feliz vida para a recém-nascida.

FALECIMENTO

Faleceu há dias em casa de sua residência, no sítio do Arieiro, o sr. António Sousa Cristina, que contava 83 anos de idade. Deixou viúva D. Josefa dos Santos e era pai do sr. José dos Santos Cristina, nosso prezano amigo e dedicado assinante no sítio do Arieiro (Loulé). A família enlutada endereçamos sentidas condolências.

A VISITA DO EMBAIXADOR DA ARGENTINA AO ALGÁRVE abre boas perspectivas de cooperação entre os dois países

A visita do Dr. Walter Constanza, Embaixador da República Argentina em Portugal, ao Algarve, o contacto com antigos emigrantes e familiares de quantos labutam nesse País sul-americano, abre boas perspectivas de cooperação entre os dois Países.

Efectivamente, a grande maioria da colónia portuguesa radicada na Argentina é oriunda do Algarve.

Está aberta a emigração para a República Argentina, um país que tem sido um dos mais importantes do Mundo na produção de alimentos.

O sector agropecuário argentino tem vindo a desenvolver-se através de uma política de transformação baseada em pagar ao produtor agrícola os preços internacionais dos produtos, ao mesmo tempo informando-o da capacidade tecnológica como marco da liberdade criativa.

São inúmeras as pessoas que se dirigem à Embaixada da Argentina, em Lisboa, no sentido de emigrarem para aquele país, onde, ao contrário do que muita gente pensa, o justo trabalho é recompensado.

A Argentina é rica na produção agrícola, na energia e indústrias e especialmente em petróleo e gás.

O Turismo começa agora a despontar e as cómadas infraestruturas esperam os visitantes. Os Portugueses que pretendem disfrutar de novas emoções podem agora escolher um turismo de qualidade que lhes é oferecido.

São de extrema importância as exportações argentinas, sobretudo o trigo e os derivados, alimentos, flores e máquinas industriais.

Existe um controlo eficaz na Administração Pública e nas empresas estatizadas. A redução dos gastos públicos é uma medida de reorganização económica.

Os portos de pesca têm sido modernizados através de um programa de renovação.

A capital da Argentina, Buenos Aires e redondezas, ocupa o quanto lugar dentro das cidades do mundo de maior população. É um País de planícies férteis, bosques, serras e montanhas, planaltos e extensões cobertas por gelos, onde os turistas aproveitam para fazer sky.

Um país culto que enraíza raças e hábitos diversos. A cultura, a ciência, a arte, o folclore, a caça e a pesca, os desportos em geral, uma arqueologia bem interessante e paisagens ainda vírgens, estão agora ao nosso alcance através do Convénio Cultural que formámos com a República Argentina.

Com a visita do Dr. Walter Constanza ao Algarve, ficámos a saber que existe o propósito de descentralizar os serviços da Embaixada através da abertura de um Consulado, em Faro, ideia que há muito ventilei nas colunas deste jornal.

Luis Pereira

Vende-se terreno

Para construção ou horta, no sítio dos Selões — Quatro Estradas (Loulé).

Informa Telef. 23065 ou Rua João da Cruz, 14-1.º, Esq. — PORTIMÃO.

SAGRES

NA VIDA SOLITÁRIA DOS DEUSES

Sagres, local onde se combina a inefável vibração do poeta com o arrojo e a criação do marinheiro da aventura e da experiência mística.

Um dos mais evocativos rincons de toda a Europa. As notáveis tradições, o sermão e as ladinhas das aventureiras caravelas do Infante.

A velha fortaleza, a Rosa dos Ventos, inspira a poesia cósmica e um vento poderoso deixa lugar à Vida. Cortada a pique sobre o mar, a Ponta de Sagres, é um dos mais grandiosos espetáculos, com barcos embandeirados no rumo de países de lenda. O Cabo de S. Vicente, o «Promontório Sacro», de lendas e mitos, põe-nos em contacto com o mar e as estrelas. A noite os deuses vêm descansar nestas atmosferas sentimentais, onde assenta um dos mais potentes faróis da Europa, agredido pelo hino estranho do mar. O panorama surpreende, maravilhoso, no ritmo próprio da arte, no impressionismo da majestade, na invocação do divino, na linha elegante do mistério.

Sagres é um lugar de inegua-

Funcionário da C.R.T.A. homenageado

Por haver passado à aposentação foi alvo de merecida homenagem o sr. Emiliano do Nascimento Palmeira que desde 1972 vinha exercendo funções na Comissão Regional de Turismo do Algarve, primeiro como 2.º Oficial e seguidamente como Chefe de Secretaria.

A homenagem decorreu na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve com a presença do Dr. Ismael Ribeiro da Cunha, presidente da Comissão Administrativa daquele Organismo e outros elementos da mesma e muitos colegas do homenageado.

O sr. Emiliano Palmeira e esposa foram entregues artísticas lembranças em nome dos colegas e da Comissão Administrativa, num testemunho de vivo e merecido apreço.

Usaram da palavra durante o acto que precedeu um agradável convívio os srs. António Xavier Martins Delgado (pelos funcionários) e dr. Ismael Ribeiro da Cunha, pela Comissão Administrativa da CRTA. Agradeceu o homenageado em palavras plenas de emoção.

O sr. Emiliano do Nascimento Palmeira que passa à aposentação após décadas de dedicado serviço à causa da função pública quer na Câmara Municipal de Tavira, como na Comissão Regional de Turismo do Algarve, foi concedido, por unanimidade e em escrutínio secreto pela C. A. da CRTA um voto de louvor onde se assinala a «sua reconhecida competência, dedicação e elevado sentido de cumprimento do dever, merecendo por isso a maior estima e consideração de todos, superiores hierárquicos e colegas».

Casa Pereira

ELECTRODOMÉSTICOS — DISCOS — MATERIAL PARA INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DAS MELHORES MARCAS

ADQUIRA-OS A PREÇOS MAIS BAIXOS NA

Rua de Portugal (estrada para Salir), em LOULÉ

lável valor turístico e histórico. Um enorme tesouro poético com toda a tradição das descobertas e o calor da sensibilidade enraizada nos impulsos mais punjantes da natureza.

Um ponto de referência para o turista que pode observar as enseadas, acentuando uma linha de muralhas com toda a impulsionabilidade, espírito de aventura e brutalidade guerreira.

Não deixe de passar por Sagres e visite o Cabo de S. Vicente.

L. P.

Oh! Divino Espírito Santo

Vós que me esclareceis de tudo, iluminai todos os meus caminhos para que eu possa atingir a felicidade.

Vós, que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas e até o mal que me tenham feito, a Vós que estais comigo em todos os instantes, eu quero humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho a confirmar uma vez mais a minha intenção de nunca me afastar de Vós por maiores que sejam a ilusão ou tentações materiais, com a esperança de um dia merecer e poder juntar-me a Vós e a todos os meus irmãos na perpétua glória e paz. Amém. P. A. agradece graças recebidas e pede perdão pelo atraso.

M. B. G. (4-1)

VENDE-SE

Carrinha móveis Sherpa, 18 000 Km dentro de garantia.

Informa Franklim Rodrigues — Quatro Estradas — LOULÉ.

PRECISO

Casa ou apartamento em Loulé.

Tratar pelo Telef. 54923 — Areias de S. João — ALBUFEIRA.

(3-1)

AO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Agradece graças recebidas.

M. J. G.

O CORRIDINHO — Comércio e Indústria de Cerâmica, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 128 a 129, v.º, do livro n.º A-118, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Irene Pinheiro Nunes Gonçalves e Maria Graciela Nunes Zacarias, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «O Corridinho — Comércio e Indústria de Cerâmica, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento na Estrada Nacional cento e vinte e cinco, no sítio do Troto, freguesia de Almansil, concelho de Loulé, conta o seu início desde um de Outubro do ano corrente e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO — O objecto da sociedade é o exercício do comércio e indústria de cerâmica, e seus correlativos, podendo ainda exercer qualquer outro ramo de actividade comercial ou industrial para que não seja precisa autorização especial.

TERCEIRO — O capital social é de cem mil escudos, está integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social e está dividido em duas quotas iguais de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócia.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os sócios poderão fazer prestações suplementares de capital quando a sociedade delas necessitar e for deliberado por unanimidade, em Assembleia Geral, expressamente convocada para o efeito.

QUARTO — Só poderão efectuar-se cessões de quo-

CASA PRECISA-SE

Casal, aposentado, procura alojamento, (andar ou moradia) na zona de Quarteira, Loulé, Faro, Olhão, para arrendamento (mesmo com dispensa de Julho e Agosto) ou para compra (se forem dadas facilidades).

Carta pormenorizada a R. Afonso de Albuquerque, 39 — Coimbra. Telef. 71472 — 3000 COIMBRA.

VENDE-SE CARROÇARIA

De Toyota Dina, em estado nova.

Informa Rua Frei Joaquim de Loulé, 45, r/c, Dt.º — LOULÉ.

(4-2)

tas a estranhos se a sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, não quiserem preferir pelo valor apurado no balanço especial, a que então se procederá.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A cessão, total ou parcial, de quotas entre sócios é livremente permitida.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A sociedade poderá amortizar, pelo valor que resultar do último balanço aprovado, a quota que for penhorada, arrestanda ou sujeita a qualquer procedimento judicial.

QUINTO — A administração e a gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidos por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Para a sociedade se considerar validamente obrigada em assuntos de responsabilidades é necessário que em seu no-

me assinem ambos os gerentes, bastando a assinatura de qualquer deles nos casos de mero expediente.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência e a sociedade poderá constituir mandatários, mediante as respectivas procurações.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Os gerentes é expressamente proibido usar a denominação social em actos e contratos que não digam respeito aos negócios da mesma, tais como abonações, fianças, lettras de favor e outros semelhantes.

SEXTO — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões das Assembleias Gerais, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência.

ESTÁ CONFORME.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Novembro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

RODALGARVE — Comércio de Automóveis e Tractores, Limitada

DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

Maria da Conceição Machado de Almeida da Silva Malvar, Ajudante deste Cartório:

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura de cinco de Janeiro de mil novecentos e oitenta e um, lavrada de folhas cinquenta e cinco a cinquenta e seis do livro de notas Novecento e Dois-F deste Cartório, foi constituída entre Fernando Manuel Viegas de Brito e D. Dália Maria Bota Guerreiro de Brito uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada RODALGARVE — COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E TRACTORES, LIMITADA, com sede em Loulé, a qual se rege pelo constante da presente fotocópia e está conforme o original.

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação RODALGARVE — COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS E TRACTORES, LIMITADA, e tem a sua sede e estabelecimento em Loulé, na Rua Afonso de Albuquerque, número vinte e cinco.

SEGUNDO — A sua duração é por tempo indeterminado e conta o seu início a partir de hoje.

TERCEIRO — O objecto da sociedade é a compra e venda de automóveis, camiões e tractores, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios resolvam explorar e que não seja proibido.

QUARTO — O capital so-

cial é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas de quinhentos mil escudos cada, pertencentes uma a cada sócio.

QUINTO — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a respectiva deliberação obtenha a totalidade dos votos correspondentes ao capital da sociedade.

SEXTO — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

SÉTIMO — A gerência, dispensada de caução, será exercida por ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessária e suficiente a assinatura de um gerente para obrigar a sociedade.

OITAVO — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para outros fins.

NONO — As assembleias gerais, salvo os casos para que a lei exija outra forma, serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Lisboa e Décimo Nonho Cartório Notarial, cinco de Janeiro de mil novecentos e oitenta e um.

O Ajudante,
Maria da Conceição Machado de Almeida da Silva Malvar

ASTROLOGIA

Uma nova secção de «A Voz de Loulé», talvez para libertar o leitor da prisão de limites e audácia do seu tempo, surge neste Ano-81.

Trata-se do Horóscopo de Henriette Bonda Verdoorn, que pretende introduzir uma atmosfera de riqueza e de calor humano, através das suas análises e interpretações astrológicas.

Para o leitor que acredita nos Astros, aqui fica uma secção nova, cheia de fortes intenções, residindo na vida de cada um.

Pela leitura do «Curriculum Vitaex» desta nossa nova colaboradora, poderão os leitores deste jornal avaliar do seu mérito para o tipo de colaboração que se presta a dar à «Voz de Loulé», unicamente porque vive apaixonadamente os emaranhados de uma ciência que não está ao alcance de toda a gente.

Apesar de estrangeira e por isso não dominar muito bem a nossa língua, Henriette Verdoorn nem por isso recusou o convite que lhe dirigimos de escrever para os leitores do nosso jornal. E isto, principalmente porque é casada com o nosso amigo e dedicado assinante sr. J. Bonda, que há alguns anos reside no Algarve e pelo qual se apaixonou de tal forma que até se tornou agricultor.

Henriette Bonda Verdoorn foi enfermeira - instrumentista no Brasil, S. Paulo, desde 1959 a 1966; De 1969 a 1972 trabalhou na Suíça como enfermeira, tendo estudo acupunctura-tradicional com o médico Dr. Senn; De 1974 a 1976 concluiu o 2º curso de acupunctura, tendo depois despertado o seu interesse pela astrologia e cosmobiologia por influência do famoso médico e psiquiatra alemão Dr. B. Eberlin, e da astróloga e escritora

bem conhecida no mundo. Jacqueline Langmann.

Em 1976 iniciou pesquisas no comportamento psicológico do organismo doente, procurando as causas dos sintomas em combinação com a astrologia, homeopatia e reflexoterapia, que se completam. Depois aprofundou os seus estudos sobre os problemas e possibilidades de educação da criança, escolha de profissão conforme a predisposição dela e para dirigir os estudos.

Em 1980 fixou residência no Algarve, região que a tem encantado pela beleza do seu azul celeste, do sol esplendoroso e de gente que considera simpática e particularmente agradável.

HORÓSCOPO

por HENRIETTE ANNA BONDA

Período de 6 de Janeiro 1981
a 4 de Fevereiro 1981

CARNEIRO — 21/3 a 20/4 — Evite seu comportamento excessivo na sua vida familiar, mas participe na resolução dos problemas. Mostre-se interessado. Vigie seus subalternos. Você tem tendência de sonhar com países remotos. Provavelmente tem dores nas articulações. É melhor visitar um médico.

TOURO — 21/4 a 20/5 — Neste último tempo você tinha bastantes problemas e dificuldades. Agora chegou a hora de eliminá-los energicamente. Não seja orgulhoso ou egofista com seu companheiro(a), nem com seus amigos, mas procure um contacto espiritual com as pessoas amadas. Mostre seu afecto

e carinho. Este mês você tem a possibilidade de fazer uma viagem agradável. Procure cuidar do seu fígado e dos seus rins. Evite as gorduras e o sal demais, prejudicam a sua saúde.

GÉMEOS — 21/5 a 20/6 — Tem uma grande necessidade de fazer uma limpeza total e profunda dentro de seu trabalho e dentro de sua vida privada. Isto significará provavelmente uma diminuição de sua situação actual, mas você sentir-se-á mais feliz e é vantajosa para o seu «bem-estar». Igualmente seu organismo precisa dumha limpeza: beba sumos de legumes e coma bastantes frutas.

CÂNCER — 21/6 a 20/7 — Você andará muito entusiasmada este mês, mas, cuidado com a impulsividade. Sua vida conjugal estará em jogo. Exprima-se com delicadeza e tacto. Esqueça um pouco de você. O respeito mútuo é muito importante. Alimente-se mais sadiamente. Seus intestinos são caprichosos.

LEÃO — 21/7 a 20/8 — Um mês cheio de surpresas e coisas inesperadas. Tudo depende de si mesmo. Seu comportamento tem que ser bem sensato. Assim você não terá problemas e pode até «pisar em cima do rabo do tigre». Não conte a ninguém seus segredinhos. Uma

boa vitalidade ajudará você em seus empreendimentos. Atenção à sua coluna. Faça um pouco de ginástica e ande bem direito.

VIRGEM — 21/8 a 20/9 — Você vai ter transformações em seus gostos, suas ideias e na sua maneira de viver. Mas... atenção. As modificações devem ser feitas com muita cautela. Não deve voar alto demais, peça conselhos e não seja orgulhoso. Aproveite da sua capacidade de analisar e reflectir. Optimo período de investir o seu dinheiro. Atenção à gripe. Vista-se bem, conforme a temperatura.

BALANÇA — 21/9 a 20/10 — Os costumes habituais são fúnebres para a sua fantasia e fazem a vida monótona. Você tem vontade de fazer uma viagem ou mudar o interior de sua casa? Faça-o, os astros são favoráveis, não se arrependa. E se você encontrar obstáculos, não os ataque com força ou violência, mas simplesmente contrólalos. Saia excelente e muita energia.

ESCORPIÃO — 21/10 a 20/11 — Agora é o momento para procurar uma ocupação intelectual. Você está dotado para os estudos. A vida familiar será harmoniosa este mês, se você lutar contra sua vontade de se impôr, tente-se disciplinar. É

hora para fazer relações amigáveis, amorosas e comerciais. Pequenos problemas na sua garganta.

SAGITÁRIO — 21/11 a 20/12 — Você está hipermotiva e tem pouco senso da realidade. Tem vontade de querer fazer tudo até cair no chão. É melhor não empreender nada neste mês e pôr temporariamente tudo em «banho Maria».

Relaxe e faça respirações profundas. Não abuse dos medicamentos sem visitar o médico. Atenção com a bebida alcoólica.

CAPRICÓRNIO — 21/12 a 20/1 — É um período de auto-determinação. Escute os conselhos dos seus companheiros e não seja surdo. Este mês é excelente para realizar novas ideias. Ajude seu estado nervoso com respiração profunda, relaxará seu espírito. Beba passante água pura.

AQUARIO — 21/1 a 20/2 — Você sentirá grande necessidade de dominar seus próximos, mas não esqueça que somente pelo carinho e diplomacia podemos nos impôr. Extravagâncias na sua vida amorosa. Tensões fortes. Cuidado com os prazeres culinários.

PEIXES — 21/2 a 20/3 — Novos contactos no seu trabalho e na sua vida particular, mas você tem que ser reservado e prudente, pois muita crítica seguirá seu destino este mês. Atenção aos ciúmes excessivos que podem prejudicar seu nome injustamente. Não se sobrecarregue no trabalho, o zelo com os olhos fechados é prejudicial à saúde.

EMPREGADA

Com conhecimentos de contabilidade, precisa-se.

Tratar pelo Telef. 62515 — LOULÉ.

Vende-se

Camion marca LEYLAND TERRIER-1973, de 6 604 Kgs. p. b., em muito bom estado. Informa telefone 62482 — LOULÉ.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE», pelo Dr. Ataíde Oliveira

de marfim a tua poderosa **aldraba** (aljava?) e **gomitada** (vomitada) passados três dias, borrifada que seja com o sangue da galinha preta, o anjo Gabriel, teu espírito de **miar** (teu espírito familiar) a faça voltar à vida, e ele mesmo acompanhe minha filha Fátima Abdalah ao andar (aduar) de Sid Mohammed Abdallah, teu servo, ou à porta de seus filhos e parentes junto da porta **Raquell-tudo** (Babel-el-tudo?) da sagrada cidade de Fez!...

«Que nunca à minha filha lhe faltem os **titeres** (os víveres?), o ouro, a prata e pedrarias em seu palácio encantado; que seja ela como o sol do mundo, quando espalha os seus raios, e, encantada neste poço, guarde em esteira de palmeira figos de ouro, que dará, bem como as mais riquezas, à pessoa desencantadora; e no tempo das chuvas e em dias de friezas, que nunca um sono de chumbo desacompanhe os seus olhos de veludo, debruados da mais pura seda, e mais formosos do que o luar de Moharrémultimamente que seja sempre **jovena** (jovem) e mais doce do que o cantar das rolas, alimentando os seus filhos sem penas.

Grande Profeta! O homem sábio **realiza-se** (regozija-se) com aquilo que vem do seu querido Allah, e, tu, santo profeta, recebe a menina dos meus olhos, a vista minha vista, a minha querida Fátima Abdalah em tua santa guarda, entrega-a ao anjo Gabriel para conservá-la encantada por mil e um anos.

«Assim te encomendo, ó meu Senhor e Amo, a minha filha.

«Louvado seja somente Deus; não há força nem poder senão em Deus, o grande, o elevado.

«Só Deus é grande e Mohammed o seu profeta».

Então o governador fez no poço e sobre a filha sinais **cabalistas** (cabalísticos) acompanhados de palavras misteriosas, pronunciadas numa entoação musical muito triste, e lançando ao pescoco da filha o **santo sino termano** (o santo signo samão?) já com a lua e estrelas no céu, a arremessou ao poço. (11)

A água do poço abriu-se; Fátima entrou no seu seio para ocupar o seu palácio encantado, e o pai ali se conservou a chorar até às horas da meia noite.

E ela ali se conservará por mil e um anos, se uma alma caritativa não aparecer que a queira redimir do encanto, sujeitando-a aos preceitos da lenda.

No entanto, a pobre Fátima, no palácio encantado, conserva

grandes valores em ouro e jóias preciosas que oferecerá ao seu desencatador.

E ainda lá se conserva?

Embora se espalhasse há um século que a moura esperava um príncipe cristão que a desencatasse, e que este príncipe estava prestes a chegar, é certo que factos antigos e modernos exuberantemente provam que a moura ainda ali se conserva encantada.

Muitas pessoas da mais remota antiguidade até hoje têm transmitido pela tradição, sempre constante, que viram no seu tempo, encostada ao gargalo do poço, a moura encantada, umas vezes ao meio dia em ponto, outras à meia noite em pino. Costumava ela pedir aos que lhe passam próximo a desencantarem, prometendo-lhes muitas riquezas. Algumas pessoas extremamente condómidas e impressionadas têm acompanhado a moura até ao seu palácio encantado, mas logo que avistam o dragão, fogem espavoridas, gritam à moura que as tire dali, e a moura, da melhor vontade, embora com o coração dilacerado, as tem dali tirado para fora. As que têm ocultado tal visita vivem por muito tempo, mas as que se atreveram a contar o que lá viram, têm morrido dentro de três dias.

No princípio a moura Fátima não se portava lá muito bem com as pessoas que iam ao poço ou lhe passavam próximo. A tradição encarrega-se de apontar alguns factos que chegaram ao conhecimento de toda a gente e por isso estava o poço desamparado, apesar da sua água ser a melhor das proximidades de Tavira.

O poço de Vaz Varela fica à saída da cidade, à esquerda, na estrada que vai para Vila Real de Santo António. Está perto da cerca do antigo convento dos frades do Carmo.

As maldades praticadas pela moura, partindo os cãntaros das pobres mulheres, que ali iam buscar água, e arrastando as infelizes pelos cabelos ao fundo do poço, tornaram-na antipática a toda a gente. Passados muitos anos tornou o poço a ser visitado, por que então pouco se falava já da moura, ou porque os outros poços não tinham água.

Não são muito antigos os factos que vou apontar.

OLEOGARVE — Sociedade Distribuidora de Óleos e Combustíveis do Algarve, Lda.

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

AOS CATORZE dias do mês de Maio, do ano de mil novecentos e oitenta, nesta vila e concelho de Palmela, e no respectivo Cartório Notarial, perante mim, o Notário, Licenciado em Direito, Francisco José Pimenta Gomes, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO — ELIAS LUZ ROSA, que declarou ser casado, no regime de comunhão geral de bens, com a segunda outorgante, e ser natural da freguesia de Anunziada, concelho de Setúbal.

SEGUNDO — JUDITE IRENE MENDES ROSA, natural da freguesia de Alhandra, concelho de Vila Franca de Xira, que declarou ser casada no regime de comunhão geral de bens com o primeiro outorgante;

Ambos os outorgantes residem habitualmente em Lisboa, na Rua da Beneficência, n.º 197-2.º andar, lado esquerdo.

Verifiquei a identidade dos outorgantes, por me terem exibido os seus bilhetes de identidade passados no Arquivo de Identificação de Lisboa, respectivamente, aos 17 de Janeiro de 1979, com o n.º 1269585 e aos 11 de Novembro de 1977, com o n.º 2014931.

Por eles, outorgantes, foi dito:

Que, constituem entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, de que ficam sendo os sócios, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «OLEOGARVE — SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE ÓLEOS E COMBUSTÍVEIS DO ALGARVE, LIMITADA»;

SEGUNDO — Um — A sua sede é em Vilamoura — Terraços do Mar, Apartamento número seis, freguesia da Quarteira, concelho de Loulé, podendo a gerência estabelecer sucursais ou outras formas de representação social onde houver por conveniente.

Dois — A sede social poderá ser transferida para qualquer outro local do território nacional mediante deliberação da assembleia geral.

TERCEIRO — A sociedade tem por objecto o comércio e exploração de produtos químicos, óleos e combustíveis, bem como explorar qualquer outro ramo de negócio permitido por Lei.

QUARTO — A duração da sociedade é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

QUINTO — O capital social é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, e está integralmente realizado em dinheiro, sendo uma quota de novecentos mil escudos pertencente ao sócio Elias Luz Rosa e outra de cem mil escudos, pertencente à sócia Judite Irene Mendes Rosa;

SEXTO — Não haverá prestações suplementares de capital, a não ser que sejam deliberadas pelo voto unânime de todos os sócios.

SÉTIMO — Um — A amortização de quotas, no todo ou em parte, é permitida nos casos seguintes:

a) quando a sociedade o acorde com o respectivo titular;

b) quando se trate de quota que a sociedade tenha adquirido;

c) quando em qualquer processo haja de proceder-se à venda ou adjudicação da quota a que possam concorrer pessoas que não tenham a qualidade de herdeiro ou de cônjuge meeiro do titular dessa quota.

Dois — Fora dos casos previstos nas alíneas a) e b), o preço de amortização será a importância que proporcionalmente corresponder à quota ou parte da quota amortizada em conformidade com o valor atribuído, para o efeito de amortização, ao património social líquido por deliberação da última assembleia geral ordinária, e, na sua falta, o valor nominal acrescido da parte proporcional das reservas, conforme o último balanço aprovado, que não constituam compensação de prejuízos previstos e não liquidados.

Três — A sociedade poderá pagar o preço da amortização em prestações trimestrais e iguais, sem juro, até ao máximo de oito.

Quatro — A amortização considerar-se-á realizada pela outorga da respectiva escritura.

OITAVO — É desde já nomeado gerente o sócio ELIAS LUZ ROSA, com dis-

pensa de caução, e terá ou não remuneração conforme a assembleia geral o deliberar.

NONO — Um — Compete ao gerente os mais amplos poderes para a gestão dos negócios sociais e representação da sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, incluindo os de adquirir, alienar ou obrigar bens móveis ou imóveis.

Dois — A sociedade poderá, mediante procuraçao bastante, constituir mandatários que a representem em todos ou alguns dos actos relativos ao exercício da sua actividade, nomeadamente com os poderes previstos no artigo duzentos e quarenta e sete do Código Comercial.

Três — A sociedade fica validamente obrigada pela assinatura de um único sócio gerente, pelas assinaturas conjuntas de dois sócios ou de sócio e de um procurador com poderes bastantes se tal constar expressamente da respectiva procuraçao.

DÉCIMO — Um — A convocação de assembleias ge-

rais far-se-á por meio de cartas registadas, expedidas com um mínimo de oito dias de antecedência, salvo nos casos para que a Lei exija forma ou prazo especial de convocação.

Dois — O mandato de um sócio a outro para o representar na assembleia geral pode ser conferido por simples carta dirigida à sociedade.

DÉCIMO PRIMEIRO — Os lucros líquidos que resultem do balanço anual serão aplicados, depois de deduzida a percentagem de cinco por cento para fundo de reserva legal enquanto não estiver realizado ou sempre que for necessário reintegrá-lo, na constituição ou reforço de fundos ou para outros fins julgados convenientes aos interesses sociais e para dividir pelos sócios na proporção das respectivas quotas, conforme for deliberado pela Assembleia Geral.

DÉCIMO SEGUNDO — A sociedade poderá dissolver-

-se por deliberação de um ou mais sócios que reunam o mínimo de três quartas partes dos votos correspondentes ao capital social, e dissolver-se-á também nos demais casos que a lei prevê, procedendo-se à liquidação e partilha pela forma que for deliberada em assembleia geral e nos termos legais.

DÉCIMO TERCEIRO — Para todas as questões que possam emergir deste pacto social, incluindo as que respeitam à interpretação ou validade das respectivas cláusulas, entre os sócios ou seus herdeiros e representantes ou entre eles e a sociedade ou qualquer das pessoas que constituem os seus órgãos, ou ainda entre estas e a sociedade, é exclusivamente competente o foro da comarca de Setúbal.

Assim o disseram e outorgaram.

Palmela, catorze de Maio de mil novecentos e oitenta.

A Ajudante do Cartório,
(Assinatura ilegível)

MARGARET & SHARON, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de hoje, lavrada de fls. 123 a 124, v.º, do livro n.º 119-C, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Margareth Joseph e Sharon Linda Joseph, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Margareth & Sharon, Limitada», tem a sua sede na Avenida Infante de Sagres, número setenta e três, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir desta data;

Segundo — O seu objecto consiste no exercício da indústria hoteleira e similar, designadamente a exploração de restaurantes, snack-bares ou bares, podendo ainda dedicar-se a qualquer outro ramo de indústria ou comércio, que a sociedade resolva explorar e seja permitido por lei;

Terceiro — O capital social inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de quatrocentos mil escudos e está dividido em duas quotas iguais de duzentos mil escudos, pertencendo uma a cada sócia.

Quarto — 1. Ambas as sócias são nomeadas gerentes, com dispensa de cau-

ção e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de dois sócios gerentes ou seus procuradores, podendo os actos de mero expediente, ser assinados por qualquer deles.

3. Qualquer sócio gerente poderá delegar em quem entender, mediante procuraçao, todos ou parte dos seus poderes de gerência.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — A cessão de

quotas, no todo ou em parte, entre os sócios é livremente permitida; — a estranhos, depende do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 11 de Dezembro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

BRANDYMEL

UMA ESPECIALIDADE
QUE SE RECOMENDA

BRINDE
COM
BRANDYMEL...

o grande creme aristocrata

SÓCRISTINAS — Portimão

GAGO LEIRIA

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DE CORAÇÃO ELECTROCARDIOGRAMAS

Consultas — 2.º, 4.º e 5.º a partir das 15 horas

Electrocardiogramas — Dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19 horas

PRAÇA ALEXANDRE HERCULANO, 29-1.º — FARO

(Antigo Largo da Lagoa)

Que perspectivas em 1981?

(continuação da pág. 1) pois o cheiro da sua sedução dá volta aos miolos dos que persistem em ser honestos.

Vejamos: o desgraçado que guardou 2 quilos de bacalhau na dispensa para os clientes que lhe compram os ménos, nem o intocável Beja Santos, amigo de Peniche, salva das garras dum multa implacável! O que rouba 2 toneladas é um herói; o que subtrai 2 quilos é um criminoso!

No capítulo do funcionalismo, não tentem fazer confrontos. Temos as taças de campeões mundiais! Temos também o recorde de cemitérios nas estradas, do analfabetismo, das violações, dos processos em tribunal. No desporto, quem salva a honra do convento, são dois ou três trabalhadores que almoçam a treinar! O hoquei afundou-se e o futebol, na parte final, como é costume, virá o naufrágio! Quanto ao aspecto político, a trégua quebrou-se, aqui e acolá, e os argumentos dos grevistas, são simplesmente ridículos e pueris, para quem houve na TV as suas versões!

Na linha da nossa análise tudo aponta para um entendimento. Os «micróbios» vão-se isolando, pois surgiu na área da esquerda uma vacina para salvar a donzela que se chama

Constituição, de rugas precoce, revigorando a sua epiderme. Do plenário da IS em Espanha, Mário Soares é portador de novas concepções socialistas logo que dobrou as praias de Portugal! Que optimismo! Mas, mal deu um pulo ao norte, os tripeiros, talvez entorpecidos pelo frio, arrefeceram o entusiasmo, e entupiu-o, surgiu-lhe complicações.

Enfim, não percamos a esperança, porque, nem oito nem oitenta, como sempre! O governo deve estar formado, mas os mesquinhos interesses partidários, continuam a querer arruinar à nascença os Executivos.

Parece que o Mercado Comum, a Banca e as instituições de crédito em geral, vão distribuir dinheiro com juros suaves para que cada lar português tenha a sua casinha com água, luz e esgotos!

Como somos um centenário povo cristão, enrouquecemos a cantar as Janeiras em louvor do Deus-Menino, aos grupos de charoleiros, na augusta serenidade da noite sem chuva nem vento! Este povo ingênuo e bom, acredita numa viragem para o bom senso, dos políticos mais agressivos. O episódio de, no fim do ano haver uns assaltos aos bancos, é para não se

perder o costume. Aliás, os ladros actuam com calma e engenho! Depois do saco cheio, cumprimentam os empregados a tremelhar, beijam as funcionárias com juanescos requintes, despedindo-se com um galante «até breve!» E não faltam ao compromisso, pois têm honradez na palavra como os antigos «Salomões» da Távola Redonda...

A nossa tropa — dezenas de milhares de cidadãos que gozam férias nos quartéis — a polícia, guarda fiscal, e GNR, chamados a intervir, surgem depois dos assaltantes baterem asa! Parece bruxedo, mas é sempre assim! Entretanto elaboraram um relatório, entregam-no superiormente, e depois o mesmo será arquivado ou deitado para o lixo, por não haver nessas instituições gavetas para tanta papela inútil!

E tudo vai correndo direitinho na nossa jovem democracia, empanada de quando em quanto por pequenos incidentes de percurso, que na abalisada opinião de Vítor Alves, conceituado coronel e porta-voz do CR, nada têm de especial. É o pequeno preço da aprendizagem democrática! A propósito! Salvo raras recepções oficiais, já alguém viu a farda de serviço deste distinto oficial ou dos seus camaradas?

Tão novinhos, pertencerão ao quadro da reserva?

São altos dignitários das Forças Armadas, com várias remunerações e pulso livre! Quando existem centenas de milhares de reformados com fome, e que o Pai Natal colocou aumentos escandalosos (uma carta 8850 de estampilha brada aos céus) apece ao estilo de Eça e de Ramalho Ortigão perguntar candidamente, se é este o socialismo abrileiro que emocionou de lágrimas este santo Povo. Que excelente nome de revolucionários que só pensam em si.

F. CLARA NEVES

ÁRVORES DE FRUTO

— As melhores variedades nos melhores porta-enxertos

FALCÃO AGRÍCOLA, LDA.

— 38 anos de experiência ao serviço da FRUTICULTURA

VIVEIROS: Quatro Marcos — Moita do Ribatejo
Apartado 20 — Telef. 2390.180

DELEGAÇÃO: Estrada Marginal — Cruz Quebrada
Lisboa-3 — Telef. 2115104/05

FAÇAM AS VOSSAS ENCOMENDAS!



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA. TRATAR COM CONCEIÇÃO FARAJOTA, RUA D. AFONSO III — R/C, (JUNTO AO RESTAURANTE «A MINHOTA») — QUARTEIRA, OU PELO TELEFONE (das 20-22 h.).

AGÊNCIA DOCUMENTAÇÃO DO SUL de Noélia Maria F. Ribeiro

TRATAMOS DE:

- Legalização de automóveis estrangeiros (emigrantes)
- Renovação de cartas de condução
- Averbamentos ou substituições de livretes
- Títulos de propriedade
- Licenças de Circulação
- Declarações
- Requerimentos ou qualquer documentação comercial
- Seguros

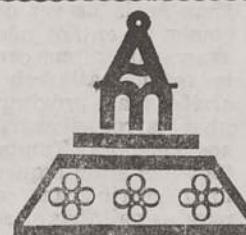
Rua Maria Campina (antiga R. da Carreira)
Telefone 63103 — LOULÉ

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
Nº 21 — Telef. 62408

LOULÉ



amendoal

LARGO GAGO COUTINHO, 22 — LOULÉ

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELO TELEFONE 62503

VENDE MAIS BARATO, CONSUMINDO EM SUA CASA

Whiskys
Vinhos do Porto
Espumantes
Brandies
Aguardentes
Licores
Vermutes
Leite c/ chocolate Ucal
Coca Cola

Sumol
Sucol
Joi/Laranja
Tri Naranjas
Laranjina C
Fruto Real
Águas Minerais
Cervejas
Etc., etc.

PARA BRINDES:

Temos lindas «corbeilles» com garrafas

PREÇOS ESPECIAIS PARA:

Casamentos, Baptizados, Aniversários, etc.

FORNECEMOS:

Qualquer quantidade em caixas ou grades

EMPRESTAMOS VASILHAME:

Para casamentos, Aniversários, etc.

VERIFIQUE OS NOSSOS PREÇARIOS
COM OS NOSSOS CUMPRIMENTOS

Um ano mais na vida de um jornal

(continuação da pág. 1) anos de «A Voz de Loulé», não são o mesmo que os vinte e oito anos da vida do homem que com tal idade comece a viver realmente a vida prática!

O jornal, pode-se dizer, está no seu apogeu de uma vida difícil sim! Trabalhosa sem dúvida! De uma dedicação extrema incontestável, com serviços de reconhecido mérito!

O homem em tal idade está um pouco além da adolescência e dos estudos. Está no início de melhor conhecer os seus iguais. A orientar-se capazmente na grande selva que é a vida. A aprofundar os conhecimentos adquiridos e a viver enfim a vida dura que tem sobre si, começando a conhecer os males que o rodeiam.

Dir-me-ão? Mas o homem hoje está para além do afirmado!

Sim, há os mais precoces!

Até sabemos que o homem, apesar de tudo, sonha sempre! Num dia melhor do que o outro! Numa vida melhor e mais saudável! Numa melhor situação quanto a bem-estar! Numa liberdade que não possui mas que aguarda e gela qual tantas vezes se sacrifica! Num País Livre onde todos se compreendam, se entendam e haja amor! O homem enfim acredita, ainda que as desilusões o façam pensar e até duvidar! E até numa entidade superior, num Deus em que tem fé e de que se socorre, sobretudo nos maus momentos em que a vida é fértil! E até, vejam lá, acredita nos políticos que passam a vida a criar-lhe ilusões e a enganá-lo! Veja-se o sonho daquele homem da LÁ e a NEVE de Ferreira de Castro, que toda a vida levou a sonhar em que teria uma casa, que nunca teve, o que sucede afinal a tantos sonhadores!

Com o jornal já assim não sucede! A dura luta da vida de um jornal começa logo que dá os primeiros passos! Logo na ideia que preside a dar-lhe vida! Há já luta! Constituído ele,

a preocupação diária da sua confecção! A existência do numerário preciso! A colaboração impraticável! A seleção dos artigos e sua ordenação por páginas (a chamada paginação) a sua entrega a tempo e horas na tipografia ou o seu envio pelo correio se ela se situa distante! A receção das provas, sua revisão e de novo a entrega e remessa aos destinatários, e por último, a preocupação do recebimento das assinaturas, tantas vezes duvidosas! Tudo isto, que não é pouco, constitui a vida constante de um jornal. Sobretudo, como é o caso, de um jornal regional.

O Director de um jornal destes tem sobre si, com algumas exceções, decerto raras, todo o trabalho indicado e até já temos visto o Director dobrar os jornais para seguirem o seu destino.

E sabemos bem que é assim porque até isso fizemos!

E no entanto sobre ele caem todas as responsabilidades, até aquelas em que queremos servir bem, dão seguimento à ideia dos respectivos colaboradores.

Toda a vida de um jornal é de luta, repetimos, constante, árdua, acerrima, preocupante, da qual o leitor não se apercebe ou um outro mal se apercebe, ao lê-lo no remanso do seu lar! Temos ainda os mal discentes, a inveja, sim a inveja, e a voz daqueles para quem nada está bem, mas são incapazes de fazer melhor e se escusam quando se lhe diz: «Ó homem venha cá, produza alguma coisa, pois se sabe fazer melhor porque não aproveita.

Mas tais homens não aproveitam!

Eles nasceram já mal formados e assim continuarão pela vida fora!

Saudemos, pois, «A VOZ DE LOULÉ» pelos seus 28 anos de existência ao serviço da terra que lhe deu o nome, da província em que se situa e do País de que é um dos melhores jornais regionais!

M. J. VAZ

SECTOR DE BEBIDAS

A Pastelaria Amendoal

LARGO GAGO COUTINHO, 22 — LOULÉ

ACEITAMOS ENCOMENDAS PELO TELEFONE 62503

VENDE MAIS BARATO, CONSUMINDO EM SUA CASA

A MÚSICA POPULAR ATRAVÉS DOS SERVIÇOS DO INATEL

IX Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas Civis e I Ciclo de Aperfeiçoamento de Directores de Amadores de Coros

De novo, em organização do INATEL, como os anteriores, se realizou este ano o IX ciclo de aperfeiçoamento de regentes amadores de bandas de música civis.

Com este ciclo em que 18 regentes dos mais diversos pontos do País, vieram beber da água lustral do saber, mercê dos bem organizados ciclos que já vêm de 1972, os regentes das bandas civis levam na sua bagagem mais uma dose de conhecimentos práticos e teóricos necessários ao melhor desempenho da actividade musical das bandas que lhes cumpre dirigir.

Muito devem pois os regentes de hoje como os de ontem que frequentaram este ciclo e os anteriores, aos professores que antes na F. N. A. T. e agora no INATEL tão dedicadamente vêm lecionando a teoria e a prática que para os regentes tão necessário se torna para o prosseguimento nas respectivas bandas do que cada um, por si, já conhecia, pior ou melhor.

Mas, o INATEL e muito bem, levou a efeito este ano em colaboração com a Junta Central das Casas do Povo o 1.º Ciclo de aperfeiçoamento de directores amadores de coros o que representa mais um passo no aperfeiçoamento teórico e prático dos que nele vieram participar em número de 17 e dos que nos anos futuros o farão, dado que tal como os regentes amadores de bandas, beberão da água lustral dos conhecimentos de tão bela modalidade artístico-musical, como é, sem dúvida, o canto coral, e a necessidade que têm de possuir cada vez mais, regentes à altura de bons dirigentes.

O CORPO DOCENTE

O ensino didáctico está profissionalmente nas mãos de professores que tendo sempre uma vida musical activa de executantes e finalmente de dirigentes, tudo têm feito para bem conseguir insuflar nos seus discípulos o aumento do amor pela arte dos sons, como para bem desempenhar a dirigência das suas bandas, por esse País fora verdadeiros conservatórios da arte musical; infelizmente durante alguns anos tão malbaratados, até que a FNAT e agora o INATEL se lembraram da criação dos ciclos, chamando para os dirigir quem bastas provas tivesse dado de boa vontade, conhecimentos e proficiência em lecionar.

Justo é pois que os seus nomes aqui fiquem estampados em letra redonda, como preito de justiça de que, é fora de dúvida, são merecedores.

São eles:

O Capitão chefe de Banda Manuel da Silva Dionísio;

O Capitão chefe de Banda José Pinto Rodrigues.

O Tenente chefe de Banda Homero Ribeiro Apolinário.

O Tenente chefe de Banda António Dimas da Silva Barrocoso; e agora para os coros:

Os senhores José Paulo Rebelo Brandão e

João Martins da Rosa.

No cume, a dirigir os ciclos, o Capitão Manuel da Silva Dionísio homem e artista consagrado que vive o dia a dia do ciclo com uma invulgar dedicação, que justo é salientar, e que os restantes professores seguem dedicada e nobremente em vontade e saber.

Com a criação do 1.º ciclo de aperfeiçoamento de directores amadores de coros o aumento de dois professores especializados era uma necessidade, os quais como os seus colegas do ciclo de regentes de amadores de bandas de música civis, têm pela frente uma missão árdua

é certo, mas que será frutuosa, disso estamos certos.

Dito isto falemos agora do que foi um bem organizado

PROGRAMA DA ÚLTIMA AULA

Começou ele pela participação extraordinária do coro misto do INATEL, tendo a dirigir-lo o maestro Paulo Brandão, que o fez, não com as mãos, mas com a alma, segundo a expressão feliz do publicista e musicólogo Pedro de Freitas, que como criador dos ciclos de aperfeiçoamento de regentes amadores de bandas civis, se encontrava assistindo como convidado da INATEL.

A participação do referido coro misto composto por umas 60 figuras foi notável, em todos deixando a melhor das impressões.

Seguiu-se-lhe o orfeão dos alunos do 1.º ciclo de directores de coros composto por 15 alunos oriundos das mais diversas partes do País continental e insular, tais como:

Espinho, Beja, Lisboa, Açores, Tondela, Oleiros, Mirandela (com uma presença feminina), Vila Nova de Ceira, Tadim, Barcelos e Guarda.

Os números que executaram foi idêntico aos dos alunos executantes e dirigentes, dado que cada um desses números era dirigido alternadamente por cada um dos alunos, tiveram mérito absoluto, e eram quase todos baseados em cantos regionais e de recolha, arranjos e do cincioneiro; de diversos autores, sendo três deles estrangeiros e um anônimo.

Um deles, precisamente o de autor anônimo, e intitulado *Riu, Riu, Chuí* (Vilancico do século XVI) foi cantado e dirigido pelo aluno Cândido Gomes Faria de Barcelos, que demonstrando conhecimentos para além do vulgar, cantou bem e dirigiu com proficiência.

Interrogado informou-nos ter já dirigido durante 6 anos o Coral de Barcelos e o Coral Polifônico de Silva, também de Barcelos.

Um outro dos alunos que chamou a nossa atenção, de nome Augusto Santos Ferreira, este menos credenciado, dirigiu o número intitulado *Eu fui ao Mar à Laranja — Canto Popular*, disse-nos ter sido a primeira vez que dirigira, e era de Beja.

O número intitulado *Senhora do Almurtão*, canto da Beira Baixa, em arranjo de J. Canhão, teve a salientá-lo a presença de uma aluna vinda de Mirandela, de nome Cidália Alves de Oliveira, que dirigiu tão bem quanto pode, sendo, tal como os restantes aplaudida com calor.

Temos a salientar neste coro e dirigência o aluno Casimiro Silva, de Lisboa, já entrado em anos, que dirigiu um número de sua autoria, com proficiência e alguma ênfase, de quem o maestro Paulo Brandão disse ser pessoa conhecida, a quem praticamente nada havia sido ensinado, dado que ele já conhecia.

Depois foi o lugar da música instrumental dirigida pelos alunos do IX Ciclo de Aperfeiçoamento de Regentes Amadores de Bandas Civis.

Para estes alunos um grupo de Artistas Profissionais, constituídos em Banda, serviu para que os diversos números executados, fossem por eles dirigidos, tendo demonstrado pleno aproveitamento, tendo-se alguns deles salientado no â-vontade como o fizeram com regências sóbrias a dignificar o Ciclo em que estiveram inseridos.

Também estes alunos provindos de diversas procedências, co-

mo Porto, Alcanede, Ferreira do Alentejo, Barcarena, Loures, Pinheiro de Azere, Montelavar, Flamengo, Faial, Açores, e Paços de Ferreira, tinham entre eles um elemento feminino, de nome Noémia Maria dos Santos, de 18 anos, que nos disse ser executante em Flauta e por vezes em Flautim, da Banda dos Bombeiros Voluntários de Barcarena, tendo um carinho especial pela Flauta, tendo já 6 anos de execução. Mais nos disse ter sido uma experiência agradável ter frequentado o Ciclo de regentes, mas que a sua preferência ia para a execução.

Estes alunos constituindo depois um agrupamento coral, que dirigiram também alternadamente, cantaram com agrado quatro números de música popular regional, tendo vindo de: Quinta do Picado, Carvalheira,

Terras do Bouro, S. Cipriano, Resende e Portel.

E o programa terminou com Música Coral Instrumental, intitulada *Canticorum Júbilo de Handel*, cantada com categoria, pelo aluno Joaquim da Silva Carreira, de Guia — Pombal.

Antecedendo o programa foi oferecido no Refeitório do INATEL, um jantar a todos quantos contribuíram para o brilhantismo dos Ciclos que decorreu em ambiente de euforia e, durante o qual, falaram aludindo ao acontecimento, os Senhores Presidente da Junta Central das Casas do Povo e do Inatel.

Agradecidos pelo convite, aqui deixamos para a posteridade o relato do que foi o programa da última aula dos Ciclos em causa.

M. J. VAZ

QUADROS ALGARVIOS

Crianças no pitoresco «Monte»

A vida evoluía e os filhos do casal, tinham como um dos principais prazeres deixar a cidade aos fins de semana e ir «matar» saudades do ambiente campesino que os vira crescer, mas agora na companhia dos seus filhos. Estes deliravam com o ambiente diferente, do andar onde estavam enclausurados e respirar fundo no meio do arvoredo, ouvindo o cantar dos pássaros ou o ladear dos cães era algo diferente, porque os pequenos respiravam liberdade. Quando chegavam a casa dos avós, corriam para eles, beijavam a avó e antes de beijar o avô, era essencial beijar-lhe a mão, porque o cumprimento da «bencinha» aos ascendentes era uma tradição que marcava os usos e costumes da nossa terra.

Logo em corrida doida, enquadados na liberdade que era necessária e tão esperada, corriam para o pociço a ver se o porco engordara, iam à cabana ou ramada ver as mulas e se as ovelhas tinham algumas crias. Uma ânsia de ver os animais a comer e então não paravam, agarravam numa canastra e debaixo das alfarrobeiras e nos arrifes mais próximos iam apanhitar jarros silvestres para dar aos «bichos». Também os coelhos não eram esquecidos e apanhitar corriola ou santas-noites para as galinhas ou serralhas era uma das ocupações das crianças no tão típico monte algarvio.

No tempo dos ninhos, percorrer alguma distância de árvore em árvore à procura de deles para melhor conhecer a natureza era das ocupações que as crianças mais prazer sentiam, porque o mundo das aves era agora um quadro real e diferente das fotografias dos livros. Quando os encontravam, maravilhosamente, seguiam passo a passo todo o desenvolvimento até os passarinhos deitarem «à monte». Pode dizer-se que nascia um quadro atractivo pelo que era belo e natural.

O interesse começava a despertar-lhes pela admiração dos campos cobertos de amarelo, eram das flores das santas-noites, admiravam os campos cobertos de lilás, eram as flores das calças de cuco, admiravam os campos cobertos de branco, com as flores dos malmequerias, admiravam os campos verdes, cobertos de trigo, cevada ou centeio. Admiravam as regas e ver encher os canteiros até ao cimo dos camalhões, era o mesmo que encher a alma de vivência de prazer. Se era o tempo dos figos, de manhã, gosta-

vam de levar um canivete, um bocado de pão caseiro, que a avó amassara e cozera e andar de figueira em figueira à procura dos melhores frutos de pinco a deitar mel, que também eram os de «milhana» encarnada, quebravam o duradouro fastio, que os levava horas e horas durante a semana armados em macabúzios na frente da comida que lhes davam em casa. Depois dos figos, regressavam e seguidamente esperavam pelo café, bastante preto, que a avó fazia numa chaleira de metal, colocada num triângulo de ferro sobre as brasas que ardiam na casa pegada à sala onde comiam.

Então cortavam uma grande fatia daquele pão, muito branquinho porque levara dias a peneirar, primeiramente com uma rede larga e depois com outra de rede fina. Daqui o fazer duas cozeduras, uma com farelos, que era o pão ralo e outra do fino pó de farinha, que era daquele de onde cortavam as fatias. Em seguida iam à despensa, tiravam uma panela redonda de barro, cheia de banha de porco e deitavam uma enorme camada sobre o pão. Levavam bastante tempo a comer, delirando com o sabor e observando os anéis que a gordura da banha fazia sobre o precioso líquido preto, numa tigela com uns saloios bonecos que eles gostavam. Depois do pequeno almoço, a outra refeição era o almoço, este era indicado pelo sino da ermida da aldeia próxima que ficava a uns quilómetros e fazia parte da vida daquelas gentes. Ao ouvir as baladas, eles deliravam como toda a gente deixava o trabalho, e era engracado ver os homens com os cestos na frente, debaixo dum árvore, sentados sobre uma pedra tirando as marmitas e começarem a comer a sua carne de porco frita ou carapaços também fritos ou limados com pão e azeitonas.

Os miúdos também iam almoçar com os avós que deixavam a labuta da terra. O almoço era sempre à base de toucinho, chourico de porco e azeitonas. Por volta das catorze horas, faziam o jantar e era habitual, colocar sobre a mesa uma toalha de serapilheira, uma «pelenga» cheia de feijão ou grão com massa, repolho e uns enormes bocados de carne de porco, mas a grande expectativa era ver se vinham as orelhas ou o rabo do «bicho». Outras vezes matavam uma galinha ou coelho e geralmente à sobremesa havia bolos fritos ou batatas doces assadas no forno. A noite era a última refeição, a ceia,

QUARTEIRA INAUGUROU uma nova central telefónica

As ligações interurbanas continuarão a registar imensas dificuldades. Só depois de funcionarem as duas centrais que estão a ser construídas em Faro, o problema poderá ficar definitivamente solucionado.

Entretanto, Quarteira inaugurou uma nova central telefónica, agora com capacidade de 3 600 linhas.

A nova central telefónica automática caminha já para a futura integração na rede nacional electrónica. A melhoria verificada corresponde a um aumento para quase o triplo de escoamento de tráfego telefónico. A central anterior somente com 800 linhas tinha apenas possibilidades para 60 chamadas para o exterior.

A satisfação dos pedidos para aquisição dos telefones vai prosseguir a ritmo acelerado, agora com PRECO MAIS CARO, pois os aumentos dos Telefones são uma realidade triste sabendo ainda quão difícil é conseguir-se uma chamada. Para os utentes, muita paciência!

que geralmente era um peixe cozido com batatas ou um peixe limado ou frito. Estas eram refeições que com comidas diferentes daquelas que estavam habituados na cidade, na casa dos pais, puxavam-lhes a atenção para algo de estranho, mas que no fundo os satisfazia.

As crianças mostravam um enorme prazer andar no meio das gentes que trabalhavam, quer nos tempos das mondais, na apanha de papoilas e demais ervas daninhas que chupavam a humidade ao trigo, onde eram constantemente ameaçados de levar «pancadas», porque volta e meia já estavam ao pé das mulheres, fazendo um caminho pelo trigo que deixavam partido. O que mais gostavam e seguia passo passo eram os homens das ceifas, que com tubos de cana metidos nos dedos segavam o trigo, mas os seus objectivos eram de encontrar ninhos de cotovias ou fuins. Os primeiros faziam-no no chão, os últimos nas hastes do trigo, com teias e geralmente eram os mais desejados porque no fundo da bolsa, por serem mais temporões tinham sempre passarinhos. Eram conhecidos os lugares onde os ninhos se deviam encontrar, porque aquelas aves, ficavam a cantar. Quanto às cotovias quase que paradas, num bater de assas muito alto e fazendo um voo picado sobre eles.

Quando dormiam no campo, também era agradável, antes de se deitarem, se era inverno, aquecerem-se nas achas de lenha a arder numa fornalha que quando se ia apagando o avô com um canudo de cana vulgar assoprava para dar vida ao fogo e não espalhar as cinzas, enquanto iam ouvindo contar histórias. Ouvir durante a noite o badalar das horas num relógio de pêndulo e às vezes a chover, com a água a fazer barulho nas telhas de barro, debaixo das mantas muito quentinhos, muitas vezes com relâmpagos e trovões, o vento nas árvores, tudo era algo de belo e diferente da cidade.

Portanto, abstraindo as partes negativas e todos os inconvenientes que há nestes isolamentos, que nunca devemos também esquecer, temos de realçar o ambiente pitoresco e característico nos usos e costumes da nossa província onde estes garotos respiravam liberdade e eram outros em presença da natureza, mostrando o contraste existente com a cidade, onde passavam o tempo enclausurados num andar.

ADÉRITO VAZ